

Jodi Ellen Malpas

Confissão

Este Homem 3

Tradução
Nuno Daun e Lorena

 Planeta

Para os meus rapazes

Agradecimentos

Além do mundo de Jesse há outro mundo. E é aí que encontro a minha família. Não teria sobrevivido a esta loucura sem ela.

Para as minhas âncoras, Fanny, Fruth e Flo. Adorei cada momento que passei convosco, e acima de tudo... ter a minha s* & t com vocês. Londres espreita.

J e G na TottallyBooked. O vosso apoio e encorajamento foram inestimáveis.

Aconteceram coisas fantásticas nesta viagem de *Este Homem* e vocês as duas entraram na minha vida como uma dessas coisas. Obrigada por tudo.

Comecei como autora autopublicada e aterrei num mundo do qual não tinha ideia nenhuma. O meu êxito foi sem dúvida nenhuma acompanhado por blogueres que trabalharam arduamente não para proveito próprio, mas por puro entusiasmo de lerem e partilharem a sua última descoberta. Não tive promoção, *marketing*, contactos. Apenas carreguei no botão publicar e fui sortuda o suficiente para a minha história cair nas mãos destes blogueres, que por gostarem, começaram a falar e divulgar nas suas comunidades. A minha história podia ter sido como a de milhões de outros autores autopublicados que nunca são notícia. De forma incrível não fiquei perdida. Fui encontrada, e serei sempre agradecida à comunidade de leitores *on-line*. A minha gratidão é enorme e a admiração imensa.

E por fim, minhas adoráveis senhoras. Cada comentário, mensagem, *like*, *tweet* e comentários nos blogues foram lidos, absorvidos e

Jodi Ellen Malpas

apreciados – todos eles. Nunca saberão o que o vosso apoio e entusiasmo significam para mim. O Jesse obsessivo é uma epidemia, e não o lamento. Vocês partilharam e gostaram de cada momento comigo, gritaram sobre a minha história e, espalharam a palavra à família, amigos e até nas lojas. A vossa paixão é tão feroz como a minha, e adoro isso.

E é isto, a conclusão, o fim da história de Jesse e Ava. Para mim, não poderia ser melhor do que isto.

Desfrutem.

Jodi

Xxx

Capítulo 1

Tenho os nervos em franja, Não sei porquê, porque sei que estou a fazer o que está certo, mas tenho os nervos em franja. Estou sozinha com os meus primeiros momentos de reflexão do dia e se calhar os últimos. Tenho estado à espera deste minúsculo fragmento de tempo, tenho suplicado por ele no caos que me rodeia. Preciso deste momento só para mim, para interiorizar o salto enorme que vou a dar, a tentar não me ir abaixo. Sei que, se calhar, estes momentos vão ser preciosos a partir deste dia.

É o dia do meu casamento.

Vou casar com este homem para o resto da minha vida. Para tal não preciso de um papel ou de uma aliança no meu dedo, mas ele precisa, razão pela qual vamos casar duas semanas apenas após me ter pedido de joelhos, no terraço do Lusso, que casasse com ele. E neste momento estou sentada numa das suítes do The Manor, numa *chaise longue* – a suite onde Jesse me encurralou e me fez o pedido – a tentar ganhar alento.

Vou casar-me no The Manor.

O dia mais importante da minha vida vai ter lugar no refúgio sexual do meu Senhor. Não estou nervosa apenas por ser a noiva. Os meus pais, o meu irmão e a minha família devem andar a espreitar os cantos à casa, abrindo a boca de espanto com a opulência e o esplendor. Por isso as portas que dão para a sala comum estão fechadas a cadeado. Os painéis de parede e as molduras douradas também foram retirados de todas as suítes. Também martirizei vezes sem conta o pessoal do The Manor. O pobre exército de empregados de Jesse ouviu-me dizer vezes sem conta que

a minha família não é de confiança e no fim animaram-me e encolheram os ombros, mas eu não fiquei descansada. Os membros masculinos da minha família não me preocupam muito porque estão todos no bar e só se mexem a pedido, mas em relação à minha mãe e à minha tia a história é outra. A minha mãe, com o amor que tem por tudo o que é luxuoso, não pára quieta, assumiu o papel de guia, ansiosa por mostrar a magnificência da casa de campo de Jesse. Oxalá fosse antes ter com o meu pai ao bar, oxalá pudesse colar-lhe o traseiro a um banco e alimentá-la todo o dia e toda a noite com o que o Mario's Most Marvelous tem de melhor. Não precisava para nada de mais esta preocupação no dia do meu casamento, mas enfim...

Sei que ele tratou de tudo. A mansão parece um hotel de luxo, mas sei o que está no andar de cima e aquelas camas todas dançam por cima de mim, como se se sentissem sós. Se calhar sentem. O The Manor esteve fechado dois dias para que os preparativos pudessem ser feitos e isso custou a Jesse uma pequena fortuna em entradas. Sou capaz de ser tão impopular entre os membros masculinos como femininos. Todos me devem odiar, as mulheres por lhes arrebataram o Senhor e os homens por lhes ter interrompido as aventuras sexuais preferidas.

Olho para o tecto e encolho os ombros para tentar dissipar alguma da tensão, mas não consigo. Estou demasiado nervosa. Levanto-me, vou até ao espelho e olho para a imagem. Apesar do mal-estar tenho um ar fresco, estou corada e a maquilhagem tem um aspecto leve e natural. Philippe fez um trabalho incrível ao pôr-me os cabelos negros a brilhar com as longas e pesadas madeixas a flutuar, presas num dos lados por uma travessa de pedrarias. Jesse gosta de me ver com os cabelos soltos.

E também gosta de me ver com vestidos de renda.

Viro-me para a porta, onde o meu vestido de noiva está pendurado e regalo-me com a renda e as explosões de pérolas minúsculas aqui e ali. Sorrio. Ele vai ficar sem fôlego. O vestido simples, com alças delicadas, um decote profundo nas costas e uma cintura estreita, vai pôr o meu senhor de joelhos.

Elegância discreta.

A renda cor de marfim cobre-me o traseiro, abraça-me as coxas e forma uma poça no chão com um metro de diâmetro. Montes e montes

de renda. A Zoe do Harrods fez um bom trabalho, desde o vestido aos saltos altos, uns clássicos *stilettos Christian Louboutin*.

Pego no meu telemóvel, que está em cima da mesinha-de-cabeceira. É meio-dia. Tenho de me despachar. Dentro de uma hora vou encontrar-me com Jesse na sala de Verão para o casamento, para me unir a ele. Sinto um nó no estômago... outra vez.

Tiro o roupão, visto as cuecas, enfio o corpete sem alças, ajusto-o no estômago e depois nos seios, deixando quase à mostra a nódoa negra, a minha marca.

Batem-me à porta. O meu tempo só para mim acabou.

– Sim? – respondo, vestindo o roupão e atravessando a suíte.

– Estás decente, Ava querida? – É a minha mãe.

Abro a porta.

– Estou decente e preciso da sua ajuda.

A minha mãe entra, deslumbrante, com um encantador vestido de cetim cor de ostra, em vez do tradicional vestido de mãe da noiva, constituído por saia, casaco e chapéu, e com uma pena e um alfinete de pérola a adornarem-lhe os cabelos curtos.

– Desculpa, querida, estava a mostrar o *spa* à tia Angela. Acho que ela vai pedir ao Jesse para se inscrever; ficou muito impressionada. É preciso ser-se sócio do *spa* e do ginásio ou isso é só para os hóspedes?

Retraio-me.

– É só para os hóspedes, mãe.

– Bem, tenho a certeza de que ele vai abrir uma excepção para a família. Os teus avós, Deus lhes dê o eterno descanso, se estivessem aqui haviam de pensar que estavam no Palácio de Buckingham – acrescenta, afofando-me os cabelos. Afasto-lhe as mãos. – Já vestiste a roupa interior? – pergunta, percorrendo-me o corpo tapado pelo roupão com os olhos cor de chocolate. – Está quase na hora.

Dispo de novo o roupão e coloco-o em cima da cama.

– Preciso que mo aperte.

Viro-lhe as costas e afasto os cabelos dos ombros. As mãos carinhosas de Jesse fizeram-me desaparecer as marcas físicas da tarefa, mas tão cedo não me esqueço daquele dia.

– Está bem – replica ela, começando a apertar-me os colchetes. – Havias de ver a sala de Verão, Ava. Que maravilha. Que sorte teres um sítio tão bonito para casares. Qualquer outra teria de se empenhar até aos ossos.

Ainda bem que não me vê o rosto, porque não gostaria.

– Eu sei – digo.

Tessa, que planeou o nosso casamento – eu própria fiz muito pouco –, fez os possíveis, mas o The Manor, por si só, com ou sem casamento, já é esplendoroso. Jesse apresentou-me Tessa no dia seguinte àquele em que aceitei casar com ele, um pequeno sinal de que o meu exigente homem já a escolhera para o papel de organizadora do nosso casamento – o casamento sobre o qual era suposto discutirmos como dois adultos. Já agora, muito convenientemente, o The Manor também tem licença para efectuar casamentos. Eu nem sequer lhe perguntei como a conseguiu. Tudo o que fiz em relação ao meu casamento foi ir buscar o meu vestido. Não precisei de planear fosse o que fosse.

– Pronto – disse a minha mãe, virando-me, atirando-me os cabelos para cima dos ombros e olhando muito séria para mim. Já sei o que aí vem. – Querida, posso dar-te um conselho como tua mãe?

– Não – respondo, com um pequeno sorriso.

Devolve-me o sorriso e senta-me na beira da cama.

– Quanto te casares, querida, deixa o teu marido pensar que é ele quem manda, deixa-o pensar que não podes viver sem ele. O que não podes deixar é que ele te tire a independência ou a identidade. Geralmente os homens têm egos enormes – diz, com uma pequena risada –, gostam de pensar que as calças são eles que as usam.

– Não precisa de me dizer isso, mãe – digo, abanando um pouco a cabeça.

– Preciso sim – insiste ela –, porque os homens são criaturas complicadas.

Rio-me porque não faz ideia de quão complicado o meu é.

– Eu sei.

– E apesar da fachada forte e viril, sem nós são uns fracos! – Pega-me no rosto e puxa-me para ela. – Ava, eu já percebi que o Jesse gosta de ti e admiro-lhe a franqueza da relação, mas lembra-te de quem és. Não deixes que ele te mude, querida.

– Fique descansada, mãe. – Não me sinto nada confortável com a conversa, se bem que já contasse com ela. Depois de Jesse me ter pedido em casamento, os meus pais ficaram dois dias connosco e tiveram oportunidade de ver como ele me tratava menos os *countdowns* e os vários *degrees of fuckings*, testemunharam os beijos, os toques constantes e as suas observações não passaram despercebidas, pelo menos em relação a mim. Já não digo o mesmo em relação a Jesse, que não quer saber. E eu não o impeço porque adoro o contacto constante, tanto quanto ele.

A minha mãe sorri-me.

– Ele quer tomar conta de ti e tornou-o claro. O teu pai e eu gostamos muito de saber que encontraste um homem que te adora, um homem capaz de atravessar uma parede de fogo por ti.

– Eu também o adoro – digo. A sinceridade das palavras da minha mãe provoca-me um nó na garganta, fazendo-me tremer a voz. – Não me faça chorar, por favor, ou ainda borro a pintura toda.

Ela espreme-me as bochechas com as mãos e planta-me um beijo na boca.

– Tens razão. Mas nunca faças nada que não queiras fazer. Eu já percebi que ele é capaz de ser persuasivo. – Desato a rir e a minha mãe acompanha-me. Persuasivo? – É pena a família dele não ter vindo – acrescenta.

Estremeço um pouco.

– Já lhe disse que vivem no estrangeiro. – Só falei ao de leve, muito ao de leve, na razão da ausência da família de Jesse, plausível.

– Dinheiro – diz a minha mãe com um suspiro. – O dinheiro causa mais problemas na família do que qualquer outra coisa.

– Pois causa – concordo. Tal como os bordéis e os tios *playboys*.

Somos interrompidas por mais alguém a bater à porta e a minha mãe levanta-se para ir ver quem é.

– Deve ser a Kate – canta ela.

– Trago bebidas. Uau, Elizabeth estás incrível! – A voz excitada de Kate arrepiam-me antes mesmo de ela chegar ao pé de mim. – Ainda não te vestiste? – pergunta-me, elegantíssima, com um simples vestido de cetim cor de marfim e os longos caracóis ruivos a emoldurarem-lhe o rosto pálido. Kate é a minha única dama de honor, mas tem energia para dar e vender.

– Ia agora mesmo – respondo, levantando-me e ajustando as maminhas no *soutien*.

– Bebe um destes – diz, estendendo-me um copo com um líquido cor-de-rosa.

– Sim – diz a minha mãe, fechando a porta, tirando também ela um do tabuleiro, bebendo um grande gole e arquejando e arfando: – Caramba! Aquele italianozinho sabe fazer uma senhora feliz.

Olho para o copo que Kate me estende e abano a cabeça.

– Não, obrigada, não quero cheirar a álcool.

– Solta-te os nervos – insiste Kate, pegando-me na mão e metendo nela o copo. – Bebe.

Ela sabe a razão dos meus nervos; também a mandei ver um milhão de vezes o cadeado e as suítes. A minha dama de honor olha para o copo de sobrolho erguido e eu bebo um gole generoso de *Mario's Most Marvellous*. O sabor é delicioso, mas não há álcool que me cure.

– Onde está o Jesse? – pergunto, pousando o copo. Não o vejo desde a noite anterior. Consciente da noção de tradição da minha mãe, insisti com ele para que dormíssemos separados na noite anterior ao casamento e ele só saiu do meu quarto à meia-noite, quando a minha mãe se pôs a bater à porta da suíte para o obrigar a sair. Percebi que ele estava com vontade de lhe bater, mas limitou-se a lançar-lhe uma careta feroz.

– Acho que está a arranjar-se – respondeu Kate, bebendo outro *Most Marvellous*.

– Tem calma, Katie Matthews – ralhou-lhe a minha mãe, tirando-lhe o copo. – Tens o dia todo pela frente.

– Desculpe – replica a minha dama de honor, lançando-me um grande sorriso. Eu sei que ela começou a beber cedo por causa de Dan e Sam.

– E o meu pai e o meu irmão?

– No bar, Ava. Os homens estão *todos* no bar – diz Kate, dando ênfase à palavra «todos».

– Todos? Incluindo Sam?

Kate acena com a cabeça, adivinhando-me o pensamento.

– Sim, todos, excepto Jesse e incluindo Sam e... Dan.

Franzo o sobrolho. O dia vai ser duro para Kate. Dan protelou o regresso à Austrália para poder estar no meu casamento, mas não disse grande coisa,

nem na noite do pedido nem desde então. É óbvio que está preocupado comigo e com Kate por causa de Sam. Kate também está preocupada, embora não o queira dar a entender, razão pela qual desata a bater palmas.

– Então? Vestes-te ou vais assim? Olha que ele não se importa!

Sorriso à minha impetuosa amiga. Ela sabe da paixão de Jesse por renda, mas a minha mãe não.

– Visto-me – respondo, desembrulhando os sapatos de salto alto e calçando-os, ficando dez centímetros mais alta. – Vamos a isto – acrescento, respirando fundo e dirigindo-me para a porta, onde se encontra o meu vestido. Paro em frente dele e interiorizo o requinte.

– Talvez fosse melhor ir primeiro à casa de banho – sugere a minha mãe, juntando-se a mim. – Meu Deus! Nunca vi nada tão bonito, Ava.

Faço um zumbido parecido com o das abelhas, concordando, percorrendo o vestido com os olhos.

– Eu sei. Mas tem razão, preciso de fazer chichi. – Deixo-a a admirar o vestido e dirijo-me à casa de banho, apanhando Kate a beber um gole rápido enquanto a minha mãe está de costas. Se não estivesse tão preocupada com o meu casamento, estaria preocupada com o facto de Dan e Kate passarem o dia juntos.

Fecho a porta, esvazio a bexiga, aproveitando mais um momento privado e de repente ouço alguém a bater à porta da suíte e a voz da minha mãe, em pânico. Perguntando a mim própria o que se passa, levanto-me, lavo as mãos à pressa e saio da casa de banho.

– Ou faz o que lhe digo, Jesse – diz a minha mãe, exasperada –, ou ainda nos zangamos os dois.

Olho para Kate, a beber mais *Most Marvellous* enquanto a minha mãe está distraída. A minha dama de honor lança-me um sorriso e encolhe os ombros.

– O que se passa? – pergunto.

– Jesse quer ver-te, mas a Elizabeth não deixa.

Reviro os olhos, viro a atenção para a porta, bloqueada pela minha mãe e ouço a voz dele.

– Não nos zangamos se me deixar entrar, mãe. – Eu sei que ele está a sorrir, mas detecto-lhe a ameaça na voz. O homem vai entrar no quarto, quer a minha mãe queira quer não.

– Não se atreva a chamar-me mãe, Jesse Ward, porque só sou nove anos mais velha do que você – cospe. – E agora toca a andar. Ava vai ter consigo daqui a meia hora.

– Ava! – grita ele por cima do ombro de Elizabeth.

Olho para Kate que acena com a cabeça. Corremos ambas para a porta, pegamos no meu vestido, levamo-lo para a casa de banho e penduramo-lo na porta.

Kate desata a rir.

– Não me digas que a tua mãe vai continuar a tentar impedi-lo de entrar?

– Não sei – respondo, alisando a frente do vestido, saindo com a minha dama de honor e fechando a porta. A minha mãe continua a impedir a entrada de Jesse com o pé, mas ele não desiste.

– Não, Jesse! – grita, empurrando com toda a força a porta da suíte. – Não sabe que dá azar? Não tem respeito pela tradição?

– Deixe-me entrar, Elizabeth. – Tenho a certeza de que ele tem os dentes cerrados.

Olho de relance para Kate e abano a cabeça. Jesse vai acabar por afastar a minha mãe do caminho, tal como prometeu.

Kate tira outra bebida do tabuleiro e dirige-se para a porta como quem não quer a coisa.

– Deixe-o entrar, Elizabeth. Não vai conseguir impedi-lo. O homem é um rinoceronte.

– Não! – refila a minha mãe, fincando os calcanhares no chão, consciente de que não vai aguentar muito mais tempo. – Ele não... Oh!... Jesse Ward!

Sorrio para mim própria enquanto a minha mãe é empurrada, levantada do chão e afastada pelo noivo. Compõe o vestido e endireita a peruca, ao mesmo tempo que fuzila o meu homem com os olhos, que me mira de alto a baixo com os olhos verdes, sem expressão no rosto por barbear. O meu olhar ávido desvia-se do dele e fixa-se-lhe na nudez quase completa. Jesse, apenas com uns *shorts*, esteve outra vez a correr porque tem o peito e os cabelos molhados.

– Francamente! – grita a minha mãe, furiosa. – Diz-lhe que se vá embora, Ava.

– Tudo bem, mãe – digo, encontrando de novo o olhar de Jesse. – É só cinco minutos.

Os olhos dele cintilam de aprovação enquanto espera que a minha mãe nos deixe. Ele viola-me quando e onde quiser e por isso o facto de não ter posto a minha mãe no olho da rua é uma surpresa; está a tratá-la mal, mas podia tratá-la pior.

Vejo Kate aproximar-se da minha mãe pelo canto do olho e pegar-lhe no braço.

– Venha daí, Elizabeth. Só uns minutos.

– É uma questão de tradição – replica ela, mas deixando que Kate a afaste. Sorrio um pouco porque não existe nada de tradicional na relação entre mim e Jesse.

– Que nódoa negra é aquela no peito dele? – pergunta a minha mãe enquanto sai do quarto.

As portas fecham-se e nós olhamos um para o outro em silêncio. Como-lhe cada músculo, cada centímetro de beleza com os olhos.

– Não quero tirar-te os olhos da cara – diz ele por fim.

– Não?

Jesse abana a cabeça.

– Se tirar é tudo renda, não é? – pergunta.

Digo que sim com a cabeça.

– Renda branca?

– Marfim.

O peito dele incha ao de leve.

– Estás mais alta, sinal de que estás de saltos altos.

Digo de novo que sim com a cabeça. Se os olhos dele se afastam do meu rosto, é capaz de ser perigoso para o cabelo, para a maquilhagem e para a *lingerie*. Também pode ser perigoso para o horário porque estou à espera de Tessa a qualquer momento para me dizer quantos passos são até à sala de Verão e quanto tempo levo a chegar lá.

Jesse pestaneja algumas vezes e sei que não resiste a uma espreitadela. Depois controla-se melhor e eu também, mas é difícil. Um gota de suor descem-lhe pela têmpora, pelo pescoço, vão-lhe dar ao peito e descem-lhe até ao estômago, cintilando e dispersando-se na cintura dos *shorts*. Mudo de posição quando me começa a percorrer preguiçosamente

o corpo. O peito arfa-lhe cada vez mais. Toda eu formigo, ansiosa por controlar as reacções do meu corpo, mas querendo, ao mesmo tempo, que ele me possua ali mesmo, naquele momento.

– Foste bruto com a minha mãe – digo-lhe, tentando esconder a luxúria da minha voz e falhando, como sempre. O homem é irresistível, em especial quando olha para mim assim.

Dirijo-me devagar para ele, paro-lhe em frente do corpo suado e olho-lhe para os lábios suculentos. O ritmo da respiração dele aumentou, Jesse arfa cada vez mais, quase me tocando.

– Ninguém a manda meter-se comigo – replica.

– Isto dá azar. Não deves ver-me antes do casamento.

– Impede-me – acrescenta, baixando a cabeça e beijando-me ao de leve, mas sem me tocar no corpo. – Tive saudades tuas.

– Só passaram doze horas – digo com voz rouca e convidativa apesar de saber que não devia encorajá-lo quando está todo suado e eu cheia de rendas.

– Tempo a mais – murmura, passando-me a língua pelo lábio de baixo, arrancando-me um gemido. Luto contra o instinto de o agarrar pelos ombros enormes. – Estiveste a beber – acusa-me com voz suave.

– Foi só um gole. – O homem parece um cão de caça. – Não devíamos estar a fazer isto.

– Não podes dizer isso vestida dessa maneira, Ava – continua, beijando-me, tentando meter-me a língua na boca, encorajando-me os lábios a separarem-se e a aceitarem-no na minha boca, sempre sem me tocar com as mãos. O calor que dele emana acalma-me os nervos, faz-me esquecer tudo. O nosso único contacto é provocado pelas nossas línguas, insaciáveis como sempre. Tenho os sentidos saturados, a mente atropela-se-me e o meu corpo suplica por ele, mas Jesse mantém os fluidos e lentos movimentos da língua, retirando-a de vez em quando para me provocar os lábios e enfiando-ma de novo na boca. Começo a gemer, sentindo a inevitável explosão a aproximar-se.

– Vamos chegar atrasados ao casamento, Jesse. – Tenho de acabar com isto antes que um de nós, posso muito bem ser eu, nos leve para o nível seguinte.

– Não me digas para não te beijar, Ava – diz, mordendo-me o lábio inferior. – Não me digas nunca para não te beijar – acrescenta, ajoelhando-se,

pegando-me nas mãos e puxando-me para baixo. Descalço os sapatos e junto-me a ele. Jesse observa os próprios polegares a acariciarem-me as costas das mãos e em seguida olha para mim. – Estás pronta para isto? – pergunta em voz baixa.

Franzo o sobrolho.

– Estás a perguntar-me se ainda quero casar contigo?

Os lábios dele franzem-se ao de leve.

– Não porque não tens outra hipótese. Estou só a perguntar-te se estás pronta?

Tento não sorrir, mas não consigo.

– E se eu disser que não estou?

– Não dizes.

– Nesse caso por que perguntas?

Jesse sorri e encolhe os ombros.

– Estás nervosa e eu não quero que estejas.

– Eu estou nervosa por causa do sítio onde me vou casar, Jesse – digo, consciente de que estou nervosa como qualquer noiva, mas também devido ao sítio onde estamos.

O sorriso desaparece-lhe do rosto.

– Já te disse que não te preocupes, Ava.

– Não acredito que me tenhas convencido a fazer isto. – Deixo cair a cabeça, sentindo-me culpada por duvidar da palavra dele. Eu sei que vamos casar-nos no The Manor porque não havia nenhuma lista de espera nem nenhuma reserva, porque assim ele podia casar logo comigo.

– Pára com isso – diz, levantando-me o queixo para me obrigar a olhar-lhe para o rosto, tão bonito que até me dói.

– Desculpa – murmuro.

– Ava, querida, quero que gozes o dia, não quero que te rales com nada porque não vai acontecer nada. Prometo-te que ninguém vai saber.

Encolho os ombros e sorrio, sentindo-me melhor ao ouvir-lhe as palavras tranquilizadoras. Acredito nele.

– *Okay.*

Jesse levanta-se, vai até à grande cómoda, tira qualquer coisa da gaveta e regressa uns momentos mais tarde com um lençol de banho. Franzo o

sobrolho quando ele se ajoelha, limpa o rosto e esfrega os cabelos molhados antes de o abrir na sua frente.

– Anda cá – diz, abrindo os braços. Não perco tempo. Subo-lhe para o colo, deixo-o abraçar-me e encosto-lhe a cabeça ao peito através da toalha. O suor entra-me no nariz e descontraio-me. – Melhor? – pergunta, abraçando-me com mais força.

– Muito melhor – murmuro para a toalha. – Amo-te, meu Senhor – murmuro com um sorriso.

Sinto-o rir em silêncio.

– Pensava que era o teu Deus.

– Também és.

– E tu és a minha sedutora. Ou a minha *Senhora do Solar*.

Dou um salto e dou com ele a sorrir.

– Não quero ser a *Senhora do Solar do Sexo!*

Jesse desata a rir e mergulha-me o rosto nos cabelos, inalando profundamente.

– Podes ser o que quiseres, minha senhora.

– Só senhora. – Estou consciente das minhas mãos nas costas molhadas dele, mas não me importo. – Gosto tanto de ti.

– Eu sei, Ava.

– Tenho de me vestir. Vou-me casar, como sabes.

– Vais. Quem é o felizardo?

Sorrio e afasto-me porque preciso de olhar para ele.

– Um tipo neurótico, um provocador, um tipo que tem a mania de querer controlar tudo – digo, pegando-lhe no queixo. – O tipo é tão bonito!

– Suspiro e procuro-lhe os olhos, que olham para os meus. – O tipo tira-me o fôlego quando me toca e fode-me até me fazer delirar. – Espero pela risada, mas como ele tem os lábios cerrados, beijo-lhe a face e aproximo os meus lábios dos dele. – Mal posso esperar para casar com ele. É melhor ires para não o fazer esperar.

– Que faria esse homem se te apanhasse a beijar outro? – pergunta-me ele, beijando-me ao de leve.

Sorrio.

– Se calhar castrava-o e depois enterrava-o ou cremava-o... Uma coisa assim.

– Parece possessivo – diz Jesse, arregalando os olhos. – Acho que prefiro não o conhecer.

– É melhor não. O tipo dá cabo de ti – digo, encolhendo os ombros. Jesse ri-se, uma risada cristalina que lhe faz cintilar os olhos verdes. – Feliz? – pergunto.

– Não, estou todo borrado – responde, atirando-se para trás e levando-me com ele. – Mas sinto-me corajoso. Beija-me.

Mergulho de imediato, enchendo-o de beijos e gemendo de satisfação, mas por pouco tempo porque a porta abre-se de repente.

– Jesse Ward! Afaste já esse corpo suado da minha filha – grita a minha mãe, chocada, acabando com a privacidade. Desato a rir. – Ava, ficas a cheirar mal. Levanta-te! – acrescenta, começando a andar na nossa direcção, batendo com os saltos no soalho. – Tessa, ajuda-me aqui, sim?

De repente sinto uma série de mãos em diferentes partes do corpo, tentando arrancar-me dos braços de Jesse.

– Pare com isso, mãe! – digo eu a rir, agarrando-me ao meu noivo. – Eu levanto-me!

– Então levanta-te! Vais casar-te dentro de meia hora, o teu cabelo está uma confusão e quebraste uma velha tradição ao pores-te aqui na marmelada com o teu noivo. Diz-lhe, Tessa – termina a minha mãe, bufando.

– A tua mãe tem razão, Ava. Anda – diz esta, puxando-me pelo braço. A mulher é simpática, mas tem a mania da organização.

– Está bem, está bem – resmungo, afastando-me do corpo de Jesse e acalmando-me.

– Olhem para isto – geme a minha mãe, tentando arranjar-me a crina selvagem. Tento manter uma expressão séria ao ver que Jesse, em vez de sair, coloca as mãos atrás da cabeça e levanta-a ao de leve para ver a minha mãe a empurrar-me. – Parecem duas crianças – continua ela, virando os furiosos olhos castanhos para o meu provocador. – Fora!

– Está bem, pronto – replica Jesse, levantando-se sem esforço. Tessa abre a boca, babada, mas quando me apanha a olhar para ela de sobrançelas levantadas, disfarça.

– Eu tomo conta do noivo! – declara, olhando para tudo quanto é sítio, menos para o peito do meu Deus. – Venha daí, Jesse.

– Um momento – diz este, olhando-me para o peito. – Onde está o teu diamante?

– Merda! – exclamo, levando a mão ao pescoço e vasculhando o chão com os olhos. – Merda, merda, merda! Mãe!

– Ava! – grita Jesse. – Que linguagem é essa?

– Não entres em pânico! – diz a minha mãe, caindo de joelhos e começando a olhar para debaixo da cama, ao mesmo tempo que eu perscruto cada centímetro do tapete de peluche.

– Está aqui! – exclama Tessa, levantando-se. Jesse tira-lhe a pedra da mão e dirige-se para mim.

– Vira-te – ordena. Obedeço de imediato com o coração a bater-me no peito. O raio do diamante ainda vai ser a minha morte. – Pronto – acrescenta o meu noivo, beijando-me o ombro e encostando-me a virilha ao traseiro.

– Que te sirva de lição – resmunga a minha mãe. – E agora rua! – acrescenta, começando a puxar pelo braço de Jesse. O meu homem não a sacode.

Viro-me e aceno-lhe, provocando outro resmungo da minha mãe e um sorriso de Jesse, até que Tessa o arrasta para fora da suíte.

– E agora mete-te no vestido, Ava O’Shea. Onde está?

Aponto para a casa de banho e sento-me aos pés da cama.

– Casa de banho. Daqui a pouco não me volta a chamar O’Shea – digo com altivez.

– Para mim serás sempre Ava O’Shea – resmunga ela. – Levanta-te. O teu pai deve estar a chegar para te levar.

Obedeço e componho a *lingerie*.

– Como está?

– O teu pai? Nervoso, mas nada que uns uísques não curem. Ele odeia as luzes da ribalta.

De facto. O meu pai deve estar morto por me entregar a Jesse para poder desaparecer de novo no meio da multidão. Tivemos uma conversa breve sobre discursos, vi-lhe o medo no rosto e disse-lhe que não era preciso, mas ele insistiu, assim como a minha mãe.

O vestido foi retirado do cabide e colocado na minha frente. Pouso a mão no ombro da minha mãe, entro nele, ela puxa-mo para que eu possa

meter os braços nas alças delicadas, vira-me, aperta as dúzias de minúsculos botões que me correm pela coluna. De repente a minha mãe fica quieta. Sei o que vejo se me virar e não sei se consigo aguentar. Então ouço uma pequena fungadela.

– Por favor, mãe.

As mãos dela voltam a mexer-se.

– O que é?

Viro-me e as minhas suspeitas confirmam-se. Os olhos dela estão enevoados. A minha mãe deixa sair um pequeno soluço.

– Mãe...

– Oh, Ava – soluça, correndo para a casa de banho. Ouço o rolo de papel higiénico a girar freneticamente, em seguida a minha mãe a assoar-se e pouco depois vejo-a aparecer a limpar as lágrimas. – Desculpa. Estava a ir tão bem!

– Pois estava – confirmo. – Ajude-me aqui. – Do que ela precisa é de distração.

– Sim, sim. O que queres que eu faça?

– Os sapatos – respondo, apontando. A minha mãe pega neles e colocamos em frente dos pés. – Obrigada. – Levanto a saia do vestido e calço os *Louboutin*. – Como está a minha cara?

Desata a rir.

– Depois de a teres esfregado na do Jesse?

– Sim – respondo, dirigindo-me à casa de banho para me inspecionar.

– És capaz de precisar de uma dose extra de pó-de-arroz – grita.

Tem razão, porque pareço um pouco corada. Pego no pincel, passo-o pelas faces, refresco os lábios e aplico mais um pouco de rímel. O cabelo não está lá grande coisa depois de ter rebolado no soalho, mas a travessa continua no sítio. Sinto-me melhor. Jesse é assim, basta estar presente para me tirar a ansiedade. Mal posso esperar para ir ao encontro dele toda vestida de renda.

Levanto a bainha do vestido e saio da casa de banho, sacudindo o cabelo dos ombros e expirando para me acalmar.

– Estou pronta – declaro, parando de súbito ao ver que a minha mãe não está sozinha.

– Olha para ela, Joseph! – chora a minha mãe, virando-se para o meu pai e babando-lhe o ombro todo. Kate dá-lhe uma pequena palmada nas costas com um revirar de olhos e o meu pai passa-lhe o braço pela cintura, coisa rara nele.

Sorrio-lhe e ele faz o mesmo.

– Não comece – aviso-o.

– Eu não digo nada – replica com uma risada. – Apenas: claro que estás linda. Mesmo linda, Ava.

– A sério? – pergunto-lhe, chocada com a demonstração de afecto.

– A sério – responde. – Estás pronta? – acrescenta, afastando a minha mãe e sacudindo o fato, como se não acabasse de dizer umas palavras agradáveis à filha.

– Mais do que pronta. Leve-me ao Jesse, pai – peço-lhe, o que provoca uma risada geral. Ainda bem porque para intensidade basta a que Jesse me dá.

– Nesse caso, vamos – diz Tessa, abrindo caminho. – Já lá devias estar. Elizabeth, Kate, toca a andar lá para baixo por favor – acrescenta, levando-as para fora do quarto. – Ava, encontramos-nos na sala de Verão dentro de três minutos.

Fico sozinha com o meu pai.

Resolvo implicar com ele.

– Sabe que tem de ir de braço dado comigo, não sabe?

– Durante quanto tempo? – pergunta com um careta.

– Bem, pelo menos até chegarmos ao fundo da escadaria. – Pego no meu único lírio.

– Nesse caso vamos embora – diz, oferecendo-me o braço. – Pronta?

Aceno com a cabeça e o meu pai conduz-me até à sala de Verão, onde o meu *Senhor do Solar do Sexo* me espera.